

## **Antes do 11 de Setembro: o desafio de definir responsabilidades**

**Alexander Martins Vianna\***

**Resumo:** Este artigo pretende demonstrar a complexidade de se pensar as responsabilidades sobre o *11 de Setembro* frente à configuração assimétrica de relações interestatais do pós-Guerra Fria, de modo a criticar *tanto* as explicações de chave “choque de civilizações” sobre as manifestações integristas “antiocidentais” do islã contemporâneo *quanto* as vulgatas fanonianas que simplificam a relação vítima/algoz nas relações assimétricas entre Estados, população civil e minorias armadas.

**Palavras-chave:** 11 de Setembro; Talibã; Causalidade.



\* **ALEXANDER MARTINS VIANNA** é Professor Adjunto de História Moderna do DHIST-UFRRJ; Mestre e Doutor em História Social pelo PPGHIS-UFRRJ.



### **Antes do 11 de Setembro**

*Até 11 de setembro de 2001*, o único país a apoiar irrestritamente os Talibãs era o Paquistão, enquanto os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita mantinham apenas relações diplomáticas, respeitando o embargo econômico aprovado pela ONU em 15 de outubro de 1999. Oficialmente, desde julho de 1997, o governo do Afeganistão reconhecido pela ONU era da *Aliança do Norte*, grupo de oposição ao Talibã formado em outubro de 1996, sob a liderança principal dos tadjiques Buranudin Rabani e Ahmed Shah Massud, e do uzbeque Mohamed Abdul Rashid Dustan.

*Até 7 de outubro de 2001*, quando os EUA iniciaram os bombardeios aéreos em solo afegão, a *Aliança do Norte* jamais tinha contado com o apoio militar efetivo dos EUA ou de qualquer outra potência europeia, malgrado as tentativas de Ahmed Shah Massud de atrair seus interesses quando fez uma viagem à Europa em abril de 2001. Portanto, as relações externas decisivas para as ações do Talibã e da *Aliança do Norte* estavam marcadamente

regionalizadas entre 1996 e 2001, pois afetavam diretamente a segurança e interesses estratégicos da Rússia, China, Arábia Saudita, Irã, Índia, ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central e Paquistão (RASHID, 2000).

*Em 7 de agosto de 1998*, houve o ataque terrorista às embaixadas norte-americanas no Quênia e na Tanzânia. O regime Talibã negou os sucessivos pedidos de extradição, feitos pelo governo dos EUA, do milionário saudita Osama Bin Laden, acusado de ter planejado os atentados. *Em 20 de agosto de 1998*, o governo Bill Clinton respondeu a tais ataques com bombardeios simultâneos em solo afegão e em Cartum (Sudão), cujos governos foram acusados de abrigar células terroristas de Al-Qaeda e produzir armas de destruição em massa.

No Sudão, uma comissão internacional independente confirmou que a alegada fábrica de “armas químicas” era, na verdade, uma fábrica de remédios, Al-Shifa, responsável por 90% da produção e distribuição de remédios no Sudão. No Afeganistão, por sua vez, os 80 mísseis Tomahawks mataram 224

peças e não atingiram o alvo principal, Osama Bin Laden. Na prática, ao atingir alvos civis, ou não os distinguir de alvos militares, este tipo de *ataque defensivo* supõe a *responsabilidade coletiva* de toda a população de um Estado pela atuação de uma minoria, não diferindo, em efeito e lógica, dos *ataques ofensivos assimétricos* dos terroristas.

Além de não ter consultado nenhuma instância na ONU, o presidente Bill Clinton conduziu a operação mesmo sabendo que o governo sudanês havia detido dois homens suspeitos de terem praticado os atentados contra as embaixadas norte-americanas. Embora o fato tenha sido informado a Washington, o governo norte-americano negou qualquer oferta de cooperação com o Sudão, respondendo politicamente à comoção pública interna em relação aos ataques feitos às embaixadas no Quênia e na Tanzânia.

Depois dos ataques à sua soberania, o governo sudanês libertou os suspeitos que havia prendido. Posteriormente, seriam identificados como pertencentes à rede terrorista Al-Qaeda. Depois desses eventos, Osama Bin Laden se transformou, particularmente no Golfo Pérsico e no Paquistão, em uma espécie de figura moral popular de resistência ao imperialismo norte-americano – símbolo e força efetiva ao mesmo tempo (CHOMSKY, 2002, 60-69).

A partir de agosto de 1998, o regime Talibã começou a enfrentar problemas em relação aos efetivos de seu poderio militar entre as tribos pastanes, que deixaram de enviar regularmente os seus jovens para o exército. Como consequência, os jovens foram sendo cada vez mais recrutados em madrassas<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Embora as madrassas, ou escolas de orientação corânica, tenham surgido desde os primeiros

do Paquistão. Em 9 de agosto de 1998, ou seja, onze dias antes dos ataques norte-americanos em Cabul, os Talibãs conquistaram Mazar-e-Sharif<sup>2</sup>, expulsando o comandante Ahmed Shah Massud e suas tropas para o nordeste do país. Até então, Mazar-e-Sharif mantinha-se como principal bastião da *Aliança do Norte*. Com esta vitória, os talibãs passaram a controlar 90% do país.

Assim, embora as simpatias da maioria dos chefes tribais pastanes no interior do Afeganistão tenham progressivamente se enfraquecido, a influência e exemplo dos Talibãs estavam longe de restringirem-se ao solo afegão ou paquistanês e, por isso mesmo, pode-se afirmar que o regime suscitou um problema de equilíbrio de poderes em toda Ásia Central, pois, direta ou indiretamente, alimentava rivalidades de grupos islâmicos radicais descontentes com seus respectivos governos no interior de cada país vizinho (ROY, 1996; HOUTEN, 1998).

Desde a tomada de Mazar-e-Sharif, Ahmed Shah Massud passou a contar com uma importante base de apoio no Tadjiquistão, da qual recebia armas provenientes da Rússia e do Irã. Além disso, a *Aliança do Norte* podia cobrar taxas de 20% sobre os carregamentos de ópio que iam para Uzbequistão e Tadjiquistão. Nesse ponto, a *Aliança do*

---

séculos do islamismo, a sua proliferação no Paquistão e no Afeganistão sofreu transformações temperadas pelo contexto da Revolução Iraniana (1979) e da própria guerra contra os soviéticos. Com o vazio institucional da derrota soviética, muitas das madrassas passaram a abrigar os pobres deserdados pela guerra, estimulando a radicalização dos muçulmanos em questão religiosa.

<sup>2</sup>Durante a conquista de Mazar-e-Sharif, houve o massacre da minoria xiita, o assassinato de nove diplomatas e de um jornalista iraniano, o que quase levou o Irã a entrar em guerra direta com o regime Talibã.

*Norte* não diferia do mesmo regime de taxaço imposto pelo regime Talibã a seus territórios ocupados. No entanto, a resposta política do regime Talibã aos governos regionais que deram apoio à *Aliança do Norte* seria logo sentida.

Em fevereiro de 1999, o líder do Movimento Islâmico do Uzbequistão (MIU), Tahir Yuldashev, era procurado por ter organizado uma tentativa de assassinato contra o presidente Islam Karimov, que teve como resultado 16 mortos e 128 feridos, após a explosão de seis bombas em Tashkent; em maio de 1999, o governo Talibã autorizou a construção de um campo de treinamento militar em Mazar-e-Sharif, que ficava a poucos quilômetros da fronteira uzbeque. O regime Talibã negou todos os pedidos oficiais de extradição dos rebeldes do MIU feitos pelo governo do Uzbequistão.

Tahir Yuldashev estimulou a vinda de centenas de militantes da Quirguízia, Tadjiquistão e Uzbequistão, assim como, de separatistas uigurs<sup>3</sup> da província chinesa do Xinjiang para o campo de treinamento militar em Mazar-e-Sharif. Em julho de 1999, houve uma nova ofensiva contra a *Aliança do Norte*, contando com o apoio de aproximadamente 8 mil militantes, sendo a maioria formada por paquistaneses de Pendjab e Sind, o que demonstrava a simpatia ao regime Talibã entre grupos não-pastanes<sup>4</sup>.

<sup>3</sup>Minoria islâmica da fronteira da China com o Cazaquistão que foi responsável por vários atentados contra o governo chinês ao longo da década de 1990.

<sup>4</sup>Entre 1994 e 1998, mais de 80 mil militantes islâmicos paquistaneses lutaram ao lado dos Talibãs na guerra civil afegã, esperançosos de que sua “revolução islâmica” estendesse-se para seu próprio país, no qual uma sucessão de governos acusados de corrupção e violência apenas serviu para reforçar o desencanto com as instituições políticas laicas.

Enfim, até 11 de setembro de 2001, os EUA e as demais potências ocidentais não haviam manifestado apoio formal à *Aliança do Norte* – os bombardeios norte-americanos em 20 de agosto de 1998 não tinham tal intenção –, deixando o Paquistão seguir livremente a sua política de intervenção direta em solo afegão favorável aos Talibãs, embora isso contrariasse um acordo – assinado na ONU, em julho de 1999, por Tadjiquistão, Irã, Uzbequistão, Turcomenistão, China, EUA, Rússia e o próprio Paquistão – que proibia a qualquer um desses países interferir na crise afegã.

### **O leão, as guerras assimétricas e as suas redes**

Uma análise prospectiva nos permite afirmar que os contatos entre o regime Talibã e Osama Bin Laden mudaram os rumos da estratégia regional dos EUA na Ásia Central. Nascido em 1957, Osama Bin Laden havia atuado durante a década de 1980 em território afegão contra a dominação soviética – ao lado de tantos outros chamados na época de mujahedins (guerreiros da liberdade), que vieram de diversas partes do mundo muçulmano. Ele chegou a Peshawar em 1982 e, por demonstrar bravura em perigosos e sangrentos combates, conseguiu o respeito de seus companheiros de combate.

Em abril de 1986, Osama Bin Laden organizou o seu primeiro campo de treinamento militar, pagando os soldados e os equipamentos que recebia do Paquistão (e dos EUA) com recursos próprios. A fortuna de sua família ajudou a sustentar a guerra dos mujahedins contra os soviéticos. Em pouco tempo, o seu pequeno grupo de mujahedins tornou-se uma temível esquadra de mais de mil homens que não conhecia a derrota. Assim, foi se



tornando uma celebridade nos campos afegãos.

Segundo Essam Draz – egípcio que conviveu com Osama Bin Laden durante quatro anos nos campos afegãos –, o jovem Osama que havia deixado o conforto de seu lar saudita para migrar para o Afeganistão e lutar contra o *inimigo soviético ateu*, misturando-se entre soldados pobres e dividindo com eles as rações e os trabalhos das trincheiras, garantia a sua autoridade justamente por tratar todos os seus soldados com simplicidade e como amigos íntimos. Osama falava em voz baixa e não dava ordem em tom autoritário ou arrogante, limitando a pedir uma coisa como se pede a um irmão. Relatos desse tipo reforçaram o seu carisma junto às massas marginalizadas e combalidas em sua dignidade no Afeganistão, ao mesmo tempo em que dava ao Wahhabismo um potencial de revanche social (AYAD, 2001).

Osama, o “Leão”, voltou para a Arábia Saudita depois da derrota dos soviéticos, sendo recebido como celebridade pelo rei Fahd em 1989. Antes da Guerra do Golfo, o radicalismo de suas ideias pan-islâmicas antiocidentais não parecia uma ameaça para a monarquia. No entanto, passado o conflito contra os soviéticos, o lustre de celebridade de Osama Bin Laden foi tornando-se cada vez mais antipático para a monarquia da Arábia Saudita devido às suas aferradas críticas ao rei Fahd por ter deixado que tropas norte-americanas estacionassem em território santo para atacar o Iraque durante a Guerra do Golfo.

Assim, foi obrigado a deixar o país em 1991, migrando para o Sudão. Desde então, declarou guerra à monarquia da Arábia Saudita, a Israel e aos EUA, considerados inimigos da *umma* –

comunidade dos fiéis unidos pela obediência aos preceitos do Alcorão. Depois de recaírem sobre ele as suspeitas de ter planejado o atentado frustrado ao World Trade Center em 26 de fevereiro de 1993, o governo norte-americano passou a pressionar o governo do Sudão para que combatesse e extraditasse os membros da rede terrorista Al-Qaeda, criada em 1989, e impôs um embargo econômico ao país em janeiro de 1998. Como o cerco começou a fechar, Osama Bin Laden buscou asilo político no Afeganistão em maio de 1996, ou seja, quatro meses antes de o Talibã ter alcançado o domínio em Cabul. O então chefe do Interserviço de Inteligência (ISI) do Paquistão, o general Mohamed Aziz, intermediou o contato de Osama Bin Laden com Mohamed Omar Akhund, então líder dos Talibãs, ampliando as bases de sua rede terrorista.

Durante os anos de luta contra o domínio soviético no Afeganistão, Osama havia estabelecido alguns contatos com membros do ISI. Assim, quando ele pediu abrigo no Afeganistão em 1996, o general Mohamed Aziz teve a oportunidade de manter do lado de seus interesses estratégicos um já consolidado líder internacional do mundo islâmico que conhecia profundamente o Afeganistão e, fundamentalmente, era rico. A condição para que Osama fosse abrigado em solo afegão era que se tornasse o responsável por todos os campos afegãos de treinamento e organizasse regularmente atentados na Caxemira indiana. Além do asilo político, Osama contaria com a proteção do ISI, que o advertiu, por exemplo, dos ataques aéreos que o governo norte-americano faria ao Afeganistão em 20 de agosto de 1998<sup>5</sup>.

<sup>5</sup>Durante a década de 1990, o ISI demonstrou ser uma força paralela à autoridade presidencial

Na segunda metade da década de 1990, os milhões de dólares de Osama Bin Laden e sua posição estratégica para os interesses do Paquistão garantiram uma virada decisiva para a milícia Talibã: foi a sua brigada de elite, por exemplo, que possibilitou a tomada de Mazar-e-Sharif em 9 de agosto de 1998. Osama também empreendeu a reconstrução de Kandahar, domínio principal dos Talibãs. Ele construiu um centro comercial, renovou o aeroporto para aumentar sua capacidade de carga, restaurou o sistema elétrico e hidráulico e edificou um complexo de 300 casas fortificadas para os oficiais da armada Talibã. Neste particular, seguia a mesma tradição de investimentos em construção civil de sua família, que ele igualmente iniciara no Sudão, mas teve de abandonar.

O casamento de sua filha mais velha com Mohamed Omar Akhund serviu para consolidar definitivamente os laços com a principal liderança Talibã. Como dote de casamento, ele ofertara a Omar um conjunto de casas no quarteirão residencial de Kandahar, que foi destruído – como todos os demais investimentos – durante os ataques aéreos norte-americanos de 20 de agosto de 1998. Possivelmente, se não fossem esses ataques, os efeitos da tomada de Mazar-e-Sharif poderiam ter sido bem mais graves e conclusivos contra a *Aliança do Norte*.

Entre 1998 e 2001, sob a influência de Osama Bin Laden, o regime Talibã de Mohamed Omar Akhund foi desviando-se para uma postura mais abertamente antiamericana, antissaúdita, antipaquistanesa e antiegípcia,

---

(civil ou militar) do Paquistão. Todavia, em 7 de outubro de 2001, com o início das retaliações norte-americanas em solo afegão, o general Pervaiz Musharraf despediu secretamente o general Mohamed Aziz do comando do ISI.

expressando em seus pronunciamentos ideias pan-islamistas que provocaram o seu relativo isolamento internacional. Para Osama, o mundo muçulmano tinha sido humilhado e achincalhado desde o fim do Império Otomano e a laicização da Turquia na década de 1920. Para reverter tal quadro, seria necessária a recriação de um grande califado, que se estenderia da Argélia ao Paquistão, do Egito às Filipinas, da Turquia a Xinjiang. Tal califado impor a respeito à *sharia* a partir de um modelo: o regime Talibã.

Desde o fim da URSS, Osama Bin Laden acreditava que o islã seria a principal força a engajar-se contra a dominação global norte-americana, contra o governo de Israel e contra toda elite governante do mundo muçulmano que vinha “ocidentalizando” a sua população. Os instrumentos de luta não seriam os pesados armamentos da Guerra Fria, mas meios leves e ligeiros que tivessem um efeito moral de longo alcance, como atentados a grandes centros civis, instituições financeiros e comerciais, embaixadas, aeroportos, metrô, etc. A eficácia não seria medida pelo número direto de vítimas, mas pelo desgaste moral em todo o conjunto da população do país atingido pelos atentados.

Para os generais paquistaneses do ISI, a possibilidade de perder influência no Afeganistão representava uma reversão política que poderia favorecer a China, a Índia, a Rússia e o Irã em plano regional. Afinal, eram os Talibãs, os grupos deobantis do Paquistão e a “rede Bin Laden” que traziam sustento sem reserva às lutas paquistanesas pela Caxemira, revelando a estreita relação de dependência e reciprocidade entre o regime Talibã e o ISI. No entanto, os “estudantes” poderiam importar a sua “revolução” para o Paquistão e escapar

ao controle dos generais do ISI, tornando internamente perigoso o apoio Talibã nas lutas contra a Índia (VIANNA, 2002).

Todas essas questões tornaram-se contundentes a partir de 18 de setembro de 2001: agindo marcadamente contra a opinião da maioria da população paquistanesa, o general Pervaiz Musharraf – que não tinha base étnica no Paquistão por ser originário da Índia e falar a língua urdu (elevada à língua oficial da sua administração) – negou oficialmente o seu apoio ao regime Talibã, depois de Mohamed Omar Akhund ter recusado entregar Osama Bin Laden às autoridades norte-americanas.

#### A “vitória” vista de dentro

Entre 1989 e 2001, não houve uma preocupação internacional efetiva de reconstrução do Afeganistão. Depois da derrota soviética, o Departamento de Estado dos EUA não considerou o contexto global de desestabilização da produção e das instituições afegãs, nem os problemas sociais advindos de uma estiagem de 40 anos. Tal situação reforçou redes pessoais e parentais de seguridade de madrassas xenófobas e fundamentalistas<sup>6</sup>. Osama, como foi demonstrado, usou a sua fortuna pessoal para realizar pontualmente papéis tradicionais de seguridades relacionados à *sharia*, o que manteve a sua popularidade enquanto esteve no Sudão e no Afeganistão.

Iniciadas em 15 de outubro de 1999, as sanções econômicas contra o Afeganistão representaram um estrangulamento progressivo da

população afegã. Em janeiro de 2001, as sanções foram ampliadas: embargo de armas; proibição de que a companhia aérea nacional Ariana efetuasse voos internacionais e o fechamento de seus escritórios no exterior; o congelamento dos bens do regime Talibã no exterior e o impedimento de qualquer tipo de investimento no país. No entanto, tais medidas não tiveram o efeito político desejado, reforçando ressentimentos anti-EUA e colocando em situação difícil as tendências mais moderadas e modernizantes do islã dentro do Afeganistão.

Em 13 de novembro de 2001, depois de mais de um mês de bombardeios norte-americanos, as forças armadas da *Aliança do Norte* encontraram o vazio político deixado pelo regime Talibã e entraram em Cabul. A situação ficou semelhante àquela de 1992: a maioria pastane perdeu mais uma vez o centro do governo e suas principais lideranças abrigaram-se no sul do Afeganistão; as potências ocidentais pretendiam que a ONU fizesse um governo de transição com representantes de chefes tribais de todas as etnias, mas as tropas da *Aliança do Norte* não cumpriram o acordo de não entrar na capital até que um conselho multiétnico fosse formado, fazendo retaliações violentas aos presumidos Talibãs ou suspeitos de simpatia.

Nesse contexto, generais tadjiques e uzbeques deixaram claro que não aceitariam facilmente ingerências externas em seus assuntos. Embora os bombardeios norte-americanos tenham facilitado a ação de retomada dos “senhores da guerra” de suas antigas áreas de influência no interior do Afeganistão, muitos interpretaram que as forças externas apenas transformaram em dias um processo que poderia durar mais alguns meses ou anos – e muitos

<sup>6</sup>As madrassas em que se formou a geração do “golpe de Cabul” existiam desde 1984 – portanto, em pleno contexto de guerra contra os soviéticos –, e estavam localizadas entre Arghandab e Kandahar.

não deixaram de lembrar o tempo em que o país foi deixado em estado de penúria sem atrair maiores interesses internacionais.

Ainda que os atentados de 11 de setembro tivessem mudado os rumos da guerra civil para os “senhores da guerra” da *Aliança do Norte*, estes viram a sua vitória sobre os Talibãs como o resultado de um processo criado, sustentado e sofrido por eles próprios. Afinal, não houve o envolvimento das tropas norte-americanas em confrontos diretos de solo mesmo depois que uma força-tarefa estrangeira desembarcou em Kandahar a 20 de outubro de 2001, permanecendo o governo norte-americano com a tática de enfraquecer, à distância, as forças do inimigo através dos bombardeios coordenados a partir de porta-aviões, ou através do aliciamento de forças autóctones por parte da CIA e do ISI. Quando entraram em Cabul, os soldados da *Aliança do Norte* tentaram passar a impressão de que dariam segurança à população, reforçando a imagem dos Talibãs como “entreguistas” que abandonaram a capital, pilharam seus estoques e esvaziaram seu banco.

Em todas essas ações, vários civis foram vitimados e houve desrespeitos acintosos à Convenção de Genebra. Durante a sua estada em Cabul nesse período, o repórter Tiziano Terzani (2001) pôde observar que prisioneiros Talibãs com as mãos amarradas nas costas foram fuzilados sob o olhar impassível de agentes ocidentais e que tudo foi colocado na conta de “revolta carcerária” e, portanto, arquivado. O eco imediato da campanha de descrédito contra os vencidos serviu para cobrir, momentaneamente, as próprias violências retaliativas dos vencedores contra soldados Talibãs rendidos.

No calor das horas, havia nisto a vontade de o governo George W. Bush dar à população dos EUA a sensação de revanche chauvinista e provar a sua capacidade de proteger os seus concidadãos, mesmo com algum sacrifício das liberdades e direitos civis (LIARDET, 2002). Todavia, não há posições simples de heróis e vilões num tipo de guerra cujo precário “fim” serviu tão somente para aumentar a dívida americana, transferir renda para *lobbies* da indústria bélica, da construção civil e do petróleo, além de aumentar um ódio reativo antiamericano dificilmente reversível pelo atual governo Obama (VIANNA, 2010).

Em dezembro de 2001, as baixas civis dos bombardeios norte-americanos em Tora-Bora, por exemplo, ultrapassaram as baixas militares, causando grande descontentamento entre os chefes tribais pastanes. Nesse período, um comboio perto de Patkia foi bombardeado pelos norte-americanos sob a alegação de que nele estariam Osama Bin Laden e Mohamed Omar Akhund. Ações desse tipo apenas serviram para criar uma situação política instável e dispendiosa, cujo corolário foi a manutenção no poder, por 10 anos, do notório governo corrupto e narcotraficante de Hamid Karzai, com apoio tácito, atualmente, da Secretaria de Estado do governo Obama.

Entre outubro de 2001 e fevereiro de 2002, as vítimas civis diretas dos bombardeios norte-americanos passaram de 10 mil – i.e., duas vezes mais do que as cifras das vítimas do World Trade Center e do Pentágono juntas (cerca de 5.112). Houve outras tantas vítimas afegãs indiretas que jamais poderão ser contadas: centenas de milhares de afegãos que fugiram para zonas remotas e de difícil acesso para ficarem longe do alcance das bombas



norte-americanas e que, frente ao inverno avassalador de finais de 2001, pereceram em massa de fome porque a neve dificultou o acesso a alimento. Tiziano Terzani dizia, em dezembro de 2001, que as vítimas potenciais somente em Maslakh, próximo a Herat, poderiam chegar a 250 mil pessoas (TERZANI, 2001).

### **Choques de Islamismos e os dilemas das metas universais (laicas ou religiosas)**

Informações desse tipo por si só já serviriam para demonstrar a incoerência entre princípio e prática dos porta-vozes do governo norte-americanos da luta pelos direitos humanos no Afeganistão. Sobre este mesmo ponto, um parêntese pode ser aberto para a atuação da primeira-dama dos EUA, Laura Bush. Até então considerada “apolítica” e fazendo questão de não se meter nos assuntos do Marido, Laura Bush foi transformada, da noite para o dia, depois dos atentados de 11 de setembro, em “consoladora da América”.

Em 17 de novembro de 2001, pela primeira vez na história dos EUA, uma primeira-dama substituiu o marido no habitual pronunciamento radiofônico dos sábados. Esses pronunciamentos foram criados durante a administração de F. D. Roosevelt (1882-1945), presidente democrata dos EUA entre 1933 e 1945, e as primeiras-damas tinham sempre uma pequena participação. Em seu pronunciamento, Laura Bush dizia falar “*em nome das irmãs afegãs*”, denunciando as leis talibãs contra elas, praticamente transformando os ataques aéreos dos EUA em fogos para a sua liberdade. Não por acaso, depois do pronunciamento de Laura Bush, o Departamento de Estado liberou um relatório intitulado **A Guerra dos Talibãs contra as Mulheres**. Tratava-

se de um dossiê que contava a condição feminina no Afeganistão antes de os Talibãs tomarem o poder. Segundo tal dossiê, 70% das mulheres eram professoras, 50% ocupavam cargos públicos e formavam 40% do corpo de médicos de Cabul.

Por conta disso, a exigência oficial do governo norte-americano para a condição feminina no Afeganistão era que o poder executivo pós-Talibã fosse amplamente ocupado por mulheres. No entanto, como os chefes tribais pastanes cultuavam a memória da resistência contra as potências coloniais invasoras, a exigência oficial do governo norte-americano para a condição feminina no Afeganistão poderia soar como pretensões neocolonialistas de impor “valores ianques”. Em novembro de 2001, Malek Atta Ullah, senhor de Jamrod e chefe dos Koki Khel – então o clã mais poderoso das tribos pastanes dos Afridi –, falava (em inglês fluente) que considerava os norte-americanos os agressores de seu povo e, em caso de uma jihad contra as tropas invasoras estrangeiras, as mulheres poderiam participar no papel de enfermeiras, cozinheiras e carregadoras de água para a tropa.

A questão feminina nesta região é bem menos simples do que se pode pensar e qualquer tipo de generalização pode levar a interpretações equivocadas. Havia, por exemplo, entre as etnias e tribos do Afeganistão diferentes formas de percepção do papel da mulher na sociedade, podendo ocorrer, inclusive, divergências de opinião entre o Wahhabismo dos Talibãs e os costumes tribais pastanes. Não por acaso, desde 1998, além da retaliação bélica norte-americana, deve-se considerar que um descontentamento difuso com o regime Talibã entre as tribos pastanes afegãs criou um campo favorável para o

avanço das tropas da *Aliança do Norte*, fazendo com que aumentasse o recrutamento Talibã entre não-pastanes, ou entre pastanes da fronteira com o Paquistão.

Em Cabul, depois da chegada das tropas da *Aliança do Norte*, as mulheres tadjiques comemoraram o fim do uso da burka, enquanto as mulheres fundamentalistas do partido paquistanês Jamiat-Ulema-e-Islami (JUI) defendiam o uso da burka e as tradições pastanes. Em uma entrevista apresentada no **Corriere della Sera** de 18 de novembro de 2001, uma ativista do JUI assim manifestou as suas opiniões para a jornalista Maria Grazia Cutuli (assassinada num atentado no Afeganistão em 19 de novembro de 2001):

“[A burka] é sinal de respeito da parte dos homens, serve para defender-nos dos olhares indiscretos, para proteger [as mulheres] de um excesso de responsabilidade. Não queremos nos tornar como vocês ocidentais, cheias de trabalho, constringidas a sustentarem-se sozinhas, a cuidar da família e dos filhos” (*Apud*: CUTULI, 2001).

Durante o século XX, as sucessivas tentativas de se construir uma “nacionalidade afegã” acima dos costumes locais apenas serviram para uma (re)construção reativa – e pragmática – dessas bases locais de identidade (BARTH, 2000). Para além das várias tentativas de ocidentalização do país desde a sua independência do domínio britânico em 1919, os curtos anos do regime Talibã podem servir como bons medidores dos confrontos entre as forças dos variados e historicamente reconfiguráveis costumes locais tribais e a formação de um polo de homogeneização cultural,

seja laico/modernizante, seja religioso/tradicional.

Embora originalmente ancorado na etnia pastane, o regime Talibã seguia o rigorismo dos preceitos religiosos wahhabitas tal como aprendidos nas madrassas que emergiram em solo afegão em 1984, algumas das quais financiadas por “redes de caridade” sauditas, israelenses, egípcias e norte-americanas durante a ocupação soviética. Nesse sentido, o tipo de islã da *geração Talibã* não estava sempre em acordo com o tipo de islã mediado pelos costumes tribais dos “antigos” (“barbas grisalhas”), que cuidavam das demandas de justiça entre as tribos pastanes. Portanto, durante o domínio Talibã em Cabul, o governo que parecia menos distante do que outrora da base étnica pastane não conseguiu estabelecer bases institucionais estáveis e consensuais entre os seus antigos chefes de clãs.

Assim, diferentemente do que ocorrera com o rei pastane Amanollah Khan (1892-1960) – que teve que enfrentar uma revolta tribal generalizada em 1928 devido às suas pretensões de apresentar planos de reformas legislativas que incluíam a emancipação da mulher ao modo turco –, não foi um projeto de laicização do Estado o motivo do enfraquecimento das bases de apoio dos Talibãs entre os pastanes, mas uma dada visão do islã confrontada com outras mediadas pelos seus costumes tribais ou clânicos afegãos.

Por isso, da parte dos pastanes, não houve uma contundente oposição em relação ao regime Talibã, mas sim um progressivo laxismo em relação às suas imprecisões à medida que os “pacificadores” não conseguiram “desmilitarizar o país” e deram prova de incapacidade de reconstruí-lo. Nesse ponto, os Talibãs ainda poderiam

justificar o problema usando o inimigo norte-americano que estrangulava a sua economia com embargos econômicos, mas isso somente servia para criar uma situação sempre ambígua de apoio ao regime pelos chefes tribais pastanes.

Portanto, se o sentimento anti-EUA era difuso e as imprecações de Osama Bin Laden encontravam simpatias, também havia situações cotidianas criadas pelo governo Talibã que estorvavam muitos costumes tribais pastanes e suas formas de resolver disputas e conflitos. Tornou-se enervante para os “barbas grisalhas”, por exemplo, terem de esperar pelos efeitos da “justiça Talibã” na regulação de coisas como tamanho de barba, música e herança, quando já havia uma situação de fato perfeitamente regulada pelos velhos costumes. Assim, reunidos em Jirga (assembleia tradicional), os “barbas grisalhas” pastanes continuaram regrado as contendas intra/inter-tribais quase indiferentes às prescrições dos Talibãs de Cabul.

Alguns outros exemplos podem ser apontados para demonstrar diferenças entre costumes pastanes e o Wahhabismo Talibã: segundo a *sharia*, seguida rigorosamente pelos Talibãs, a mulher pode herdar metade dos bens do marido, enquanto entre os pastanes as mulheres não herdavam; os Talibãs afirmavam que as viúvas podiam casar-se com quem quisessem, enquanto entre os pastanes as viúvas somente podiam voltar a casar com um parente próximo do falecido esposo; os Talibãs condenavam o assassinato com a pena de morte, enquanto entre os pastanes o culpado era geralmente obrigado a indenizar a família da vítima com duas mulheres, o que era uma forma de conter infintos processos retaliativos de vinganças clânicas, pois a troca de mulheres reconfigurava os vínculos parentais.

Percebendo a perda de seu apoio entre os chefes de tribos pastanes, os Talibãs foram fazendo concessões aos “antigos”, deixando-os regrar seus grupos sem recorrer sempre à justiça do regime. Por isso, a música, a dança, o jogo de xadrez e o tambor começaram a fazer uma tímida aparição nas províncias orientais, ao mesmo tempo em que as barbas deixaram de ser medidas (TERZANI, 2001; CUTULI, 2001). Além disso, para muitos pastanes, não deveria haver qualquer constrangimento a limitar seus movimentos entre os territórios do Afeganistão e do Paquistão, visto que não havia entre eles um reconhecimento de fronteira cultural inscrita nos termos políticos de Estado-Nação (BARTH, 2000).

### Considerações finais

Além da perseguição a Osama Bin Laden, os ataques norte-americanos entre outubro e dezembro de 2001 objetivaram acabar definitivamente com os remanescentes do regime Talibã no sul do Afeganistão, mesmo que isso significasse a ação conjunta de agentes do ISI e da CIA na compra de apoio de chefes tribais pastanes contra os Talibãs. No entanto, tal como ocorrera outrora, não era certo que conseguissem ter qualquer controle eficaz sobre os efeitos locais dessa estratégia.

Em finais de dezembro, muitos soldados Talibãs paquistaneses retornaram às suas tribos no Paquistão e foram recebidos com um misto de orgulho étnico e cúmplice simpatia. Muitos conseguiram atravessar a fronteira subornando soldados mujahedins. Em meio aos seus familiares no Paquistão, um ex-combatente Talibã, de 38 anos, resumiu da seguinte forma a sua experiência: “Estive em Kandahar por dois anos. Acreditava no mullá Omar e também

não creio que sua amizade com Bin Laden fosse um erro. O erro foi aceitar o desafio com os americanos. Muito fortes... O martírio? Lutei, mas somente enquanto tinha algum sentido”. (Apud: RONCONE, 2001).

Muitos desses ex-combatentes paquistaneses repetiam um discurso mais ou menos semelhante, não demonstravam crítica ao regime de Omar, continuavam a portar barba e usar turbante preto, criticavam o regime instalado em seu lugar, demonstravam grande ressentimento em relação aos norte-americanos e **uma visão pragmaticamente seletiva sobre até que ponto poderiam levar a honra do martírio**. Todas essas considerações demonstram o quanto era frágil a estratégia norte-americana de conseguir apoio das populações afegãs (meridionais ou não) por meio da compra de apoio de chefes tribais, ou injetando dólar no ISI.

Em finais de 2001, as matrizes de interesses eram bastante variadas: em primeiro lugar, era pouco provável que os principais comandos não-pastanes da *Aliança do Norte* enxergassem um “Afeganistão” para além dos limites de Cabul e de suas bases regionais de poder, ou que pretendessem avançar sobre um território em que não eram maioria étnica, ou em que não tinham laços familiares de aliança; em segundo lugar, o apoio dos chefes tribais pastanes era volátil e as ideias de engajamento na guerra seguiam princípios de compromisso, honra, alianças familiares e interesses pessoais que poderiam inclusive ultrapassar identidades étnicas e religiosas, o que significava que poderiam receber o dinheiro dos serviços de inteligência paquistanês e norte-americano, mas realizar o que estivesse mais de acordo

com a escala local de suas alianças e interesses mais pragmáticos.

Por fim, é importante considerar que qualquer religião, independentemente de ser acionada ou não como recurso ou arma política, não é um ente abstrato trans-histórico que cresce num vazio de relações sociais ou relações de poder. As religiões são sempre expressões localizadas que sofrem a pragmática dos costumes, da história, da percepção individual e coletiva de dignidade e temporalidade, dos jogos de autoridade e das estratégias cotidianas que acionam recursos materiais e imateriais para sobrevivência, manutenção ou projeção de indivíduos, redes sociais e grupos. Portanto, as expressões religiosas em campo político são dificilmente redutíveis a ideais-tipo sociológicos. Daí, seria importante que as Secretarias de Estado atentassem para os riscos de abordagens estratégicas que pressupõem uma modelização simplória e abstrata de Islã. Há nisto uma afirmação muito forte sobre a relevância da formação histórica e antropológica dos Chefes de Estado e suas equipes de governo.

Em 2011, quando se fala em Talibã, tudo aquilo ao qual me referi a respeito dos anos 1996-2001 não tem mais força explicativa sobre a identidade “Talibã”, pois as motivações, as relações de força e as identidades reativas mudaram. Atualmente, há de se considerar uma configuração de poderes e ações que levem em conta: 10 anos de ocupação norte-americana e as mudanças, desde 2009, na estratégia de ocupação com a “política de engajamento” do governo Obama; 10 anos de família Karzai no poder em Cabul, com o apoio tácito das potências ocidentais ao fraudulento processo eleitoral de 2009; 10 anos de expansão da economia chinesa e sua incisiva estratégia energética na África e na Ásia Central (VIANNA, 2010).



## Referências

BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BREMMER, Ian; TARAS, Ray (ed.). **New States, New Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

CARRÉ, Olivier. Un entretien avec l'islamologue Olivier Carré: Voyage aux sources du crime. **Le Nouvel Observateur**, 25-31 de outubro, p.11-12, 2001.

CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CLEMONS, Steven. Guerre Totale contre un péril difus: États-Unis, excès de puissance. **Le Monde Diplomatique**, Outubro, p.18-19, 2001.

CUTULI, Maria Grazia. Entrevista. **Corriere della Sera**, 18 de novembro de 2001.

DORRONSORO, G.. L'injustice faite aux Afghans. **Le Monde Diplomatique**, Junho, p.13, 2001.

GOODSON, Larry. **Afghanistan's Endless War**. Seattle/London: University of Washington Press, 2000.

HERRISON, Selig S.. Les liaisons douteuses du Pakistan. **Le Monde Diplomatique**, Outubro, p.22-23, 2001.

HOUTEN, Pieter van. The role of a minority's reference state in ethnic relations. **Archives Européennes de Sociologie**, Vol.39, n.1, p.110-146, 1998.

LIARDET, Jean-Philippe. États-Unis: Une démocratie menacée par le renforcement de la lutte anti-terroriste? **NET4WAR**, 14 de janeiro de 2002.

MANSILLA, H.C.F.. O dilema da identidade nacional e do desenvolvimento autóctone em uma era de normas e metas universalistas. **Estudos Históricos**, Vol. 5, n. 9, p. 60-74, 1992.

RASHID, Ahmed. **Taliban**. London: Pan Books, 2000.

RATNER, Michael. Vague d'intimidations aux États-Unis: Les libertés sacrifiées sur l'autel de la guerre. **Le Monde Diplomatique**, Novembro, p.20-21, 2001.

RONCONE, Fabrizio. I Talibãï pakistani riattraversano il confine pagando i mujaheddin. **Corriere della Sera**, 16 de dezembro de 2001, p.9.

ROY, Olivier. Rivalités ethniques et religieuse, jeu de puissance en Afghanistan: Avec les Talibãs, la charia plus le gazoduc. **Le Monde Diplomatique**, Novembro, p.6-7, 1996.

TERZANI, Tiziano. Lettera da Kabul. **Corriere della Sera**, 24 de dezembro de 2001, p. 6-7.

TSCHIRGI, Dan. Des islamistes aux zapatistes: La révolte des 'marginiaux de la terre'. **Le Monde Diplomatique**, Janeiro, p.16-17, 2000.

VIANNA, Alexander Martins. Paradoxos da Política Externa de Barack Obama – Anno Primo. **Espaço Acadêmico**, Vol. 9, n. 105, p. 112-132, 2010.

\_\_\_\_\_. Reações Fundamentalistas: Taliban e o Terror Conveniente. **Diálogos**, Vol. 6(1), p. 101-121, 2002.

\_\_\_\_\_. Wahhabismo. In: DA SILVA, F.C.T.. **Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX**. Rio de Janeiro: Campus, 2004. p.944-945.